



WICKIACINE



AVISO DE CINE

Semanário Ilustrado de Cinematografia
Redacção (provisoriamente Rua Bela da Fontinha, 14-A)

PORTO

N.º 228 11 de Março de 1935 Ano XII

Director proprietário **ROBERTO LINO**
Editor — **JOÃO SOUTINHO DE OLIVEIRA**

Composto e impresso na Tip. da COOPERATIVA DO
POVO PORTUENSE, Rua de Camões, 570 — PORTO

Numero especial para garantia de título. Distribuido Gratuitamente e Visado pela Censura

NAU EM PÔRTO

PARA garantia do título, «Invicta Cine», a decana das revistas do cinema português, em publicação, ou pelo menos de título assegurado, aparece mais uma vez, para saúdar sinceramente, aqueles que em horas amargas lhe prestaram o seu apoio e a sua assistência. Infelizmente, não é ainda hora, de sulcar a sua frágil caravela o mar proceloso, de que se afastou. O tempo e o vento não são de feição; a cinematografia debate-se numa crise angustiosa, quer de produção, quer de exploração.

Mal orientada, sofrendo os efeitos da desastrosa crise económica que o post-guerra criou, sofrendo as inclemências das directrizes políticas dos estados produtores, não vemos possibilidades dum rápido restauro, que amaine esse mar proceloso, que torne a vida cinematográfica, não um negócio de concorrências e chicanas descabidas, mas num entendimento perfeito da sua missão e finalidade. Espancadas dos écrans as boas obras da cinematografia, pela indiferença dum público impreciso nas manifestações da sua actividade, exibidas puramente em família as produções ainda capazes, do período actual, tornadas grandes produções certas metragens de filmes, simplesmente, porque aparece lá um artista de voz roufenha ou de cana rachada que agrada a meia dúzia de acríneanos, necessariamente, pelas tendências dos que aqui escrevem, dos que manifestam a sua opinião, tínhamos de levar a pôrto seguro a nossa frágil nau, se não queríamos vê-la despedaçada de encontro ao rochêdo das revistas comercialistas. Verdadeiramente, assim foi preciso; suspendemos a nossa marcha, paramos a nossa rota.

Enquanto podemos singrar, não nos acusa a consciência de haver-mos usado do comercialismo ridículo e cretines o em que muitos se tem afundado. Tanto moral, como financeiramente a «Invicta-Cine» nada deve a ninguém e aqui está a melhor prova da nossa probidade profissional.

Houve já, quem quizesse comprar-nos o título, possivelmente não por simpatia ou aquisição de direitos, mas porque se tratava de algo já elaborado; mas entendemos que êle ainda vale alguma coisa, não como valor financeiro, mas pela forma como sempre nos havemos conduzido, quer para os nossos presados colegas, quer para com os nossos leitores.

É difícil, quando não haja um forte arrimo fazer circular uma revista, seja qual fôr a sua especialidade. Se viver da publicidade, esta sofre directamente as conseqüências do dragão gigantesco que avassala o mundo económico; se viver dos seus leitores, difícil será igualmente, porque êstes ou optam pelas congêneres estrangeiras ou não dão importância às nacionais, embora não adquiram umas ou outras.

Depois, há, porque já o vimos escrito, quem entenda que as revistas devem ir contempORIZANDO, seguindo a atoadada da época, no nosso caso, do público. Se o gôsto artístico dêste se avilta, alguns entendem que as revistas cinematográficas devem satisfazer-lhes a vontade, devem aviltarem-se também, não orientando o público, não querendo ensiná-lo a procurar o que melhor deve vêr; é um conceito de desastrosíssimas conseqüências.

Aguardemos, portanto, melhores dias. Esperemos confiadamente numa renascença que traga um renovamento de ideias. Não rememos, em vão, contra a maré. E por isso, garantida com êste número, a propriedade do nosso título, voltamos novamente ao silêncio, fazendo votos de melhores dias, de prosperidades para todos os nossos colegas, na vida difícil da imprensa cinematográfica.

Daqui saúdamos todos os nossos velhos leitores, e amigos, os antigos colaboradores desta revista, de quem muito saudosa e contristadamente nos despedimos novamente, depois desta afirmação de existência.



Se perguntassem
AO PÚBLICO
qual é a casa que
melhores progra-
mas tem apresen-
tado em Portugal,
êle responderia:

**A Agência
Cinematográfica
H. da Costa, L.^{da}**

245, Avenida da Liberdade — LISBOA

CINEMA TRINDADE

O PREFERIDO PELO PÚBLICO DO PÔRTO

Depois de ter apresentado esta temporada
formidáveis e indiscutíveis êxitos como:

CLEOPATRA—UMA NOITE, ACONTECEU...—LIÇÃO DE AMOR
CANÇÃO DUMA NOITE—IMPERATRIZ VERMELHA—TARZAN E
A COMPANHEIRA—O MUNDO MARCHA—O TURBILHÃO DA
DANÇA—UMA NOITE DE AMOR—OS MISERÁVEIS—O INIMIGO
PÚBLICO N.º 1, etc., etc.

Vai apresentar ainda esta época:

QUANDO UMA MULHER AMA—A MORTE EM FÉRIAS—VIVA
VILLA!—HAROLD MISSIONÁRIO—VAMOS PARA HOLLYWOOD
—UM CRIME NO “VANITIES”—O HOMEM SOMBRA—FILHA DE
MARIA—A ILHA DO TESOURO, etc., etc.

SEMPRE DE MELHOR A MELHOR



RIVOLI

Apresenta o famoso fonofilme

A DAMA DAS

CAMIÉLIAS

baseado na imortal obra de Alexandre Dumas, Filho.

ARGUMENTO

MARIE Duplessis, sedenta da vida de Paris, deixa a sua aldeiazinha para procurar trabalho na grande cidade. E é a sua amiga e colega do atelier onde trabalha, que a lança na grande vida, apresentando-a aos seus amigos. Armando Duval enamora-se de Maria, sem que ela o saiba. E, durante a sua doença, leva-lhe todos os dias, ocultando o seu nome, um ramo de camélias. Maria tem uma paixão pelas camélias porque não possuem perfume, pelos bombons "glacés" porque não tem sabor e pelos homens ricos porque não tem coração.

O seu protector, o Duque de Mauriac, resolve dar-lhe um nome que a celebre ainda mais. E Maria passa a chamar-se Margarida Gautier. A sua beleza torna-a a rainha de Paris. Margarida deixa-se amar por Armando e levada pela sua mocidade e paixão, acaba também por se enamorar dele perdidamente.

Os dois amantes alugam uma casa no campo e Margarida leva uma vida tranqüila e honesta. Mas o dinheiro vai desaparecendo, assim como as joias, carruagem, etc. Armando quer remediar a situação e procura o advogado de seu pai afim de conseguir dinheiro. É então que o pai de Armando procura Margarida e a acusa de lhe roubar e arruinar o filho.

Ela defende-se com o seu amor e prova-lhe que, por causa dele, está à beira da miséria. Duval implora-lhe que se afaste do filho pois além de lhe prejudicar o seu futuro, sua filha que estava para casar, já não casa por causa de Margarida. E Margarida promete-lhe o sacrificio do seu amor e da sua própria vida.

Quando Armando chega, encontra apenas uma carta de Margarida em que esta lhe confessa que voltou para junto de um dos seus antigos amantes. Armando, louco de dor, joga doidamente e o dinheiro que ganha atira-o à cara de Margarida para saldar a sua dívida. Margarida pensa em contar-lhe a verdade, mas lembra-se da promessa que fizera a seu pai.

Armando para esquecer o seu desgosto, faz uma viagem. E Margarida, já sem forças para sofrer, deixa-se morrer lentamente. A sua unica esperança agora é voltar a ver o seu amor antes de que a vida se extinga.

E de facto, Armando, prevenido pelo pai, regressa a tempo de receber o perdão e o ultimo beijo da namorada.

S. JOÃO CINE

Apresenta brevemente o grande
fonofilme português

AS PUPILAS DO SNR. REITOR

Realização de Leitão de Barros.
Sobre motivos do célebre romance de JULIO DINIZ.

Operador HENRICH GARTNER. Musica de AFONSO
CORREIA LEITE, CRUZ E SOUSA e ARMANDO
LEÇA. Direcção musical de FREDERICO DE FREITAS.

Com: JOAQUIM ALMADA, MARIA MATOS,
ANTONIO SILVA, LEONOR D'EÇA, MA-
RIA PAULA, OLIVEIRA MARTINS, PAIVA
RAPOSO, LINO FERREIRA, AUGUSTO
COSTA, (Costinha), CARLOS DE OLIVEIRA,
EMILIA DE OLIVEIRA, MARIA CASTELAR,
PERPÉTUA, REGINA MONTENEGRO, TE-
REZA TAVEIRA, VITAL DOS SANTOS,
JUVENAL DE ARAUJO.

Produção da

TOBIS PORTUGUESA



LILLIAN HARVEY

o lindo «biscuit de Sévres,» a intérprete genial de inumeras obras cinematográficas, é a madrinha querida da nossa revista.

IPANORAMA UNIVERSAL

O estado actual dos principais centros de produção

VAMOS arquivar nas páginas da «Invicta-Cine», o estado em que se encontra o cinema nos principais centros de produção e duma forma geral, no mundo inteiro. Obrigados pelas forças de ofício e da nossa paixão, a viver com os olhos constantemente espetados sobre as notícias de toda a parte, respeitantes ao movimento cinematográfico universal, não nos é difícil compulsar aqui a vida cinegráfica no momento que passa. Não vamos desfiar, qual rosário de nomenclaturas, as produções em laboração nos diferentes estúdios do universo, mas falar das tendências e das condições de actividade.

É natural que comecemos pela América, a mais indicada por ser a primeira dos países produtores. Ela vive agora preocupadíssima com a ofensiva dos moralistas que a não deixa produzir livremente os argumentos do seu sabor e de melhor sabor para o público guloso de emoções e sensações, tanto mais agradáveis quanto audaciosas. Mas os moralistas exageram... Escandalizam-se com as banhistas muito decotadas, com as cenas amorosas demasiado lânguidas e activas. E imaginem vocês! roubam ao cinema, dois dos seus melhores atractivos espectaculares: a frescura e mocidade da vida; e a doce ilusão das manifestações amorosas, razão da nossa existência.

Bem sabemos que os americanos pecavam, por vezes, pela superfluidade, mas a rigidez da censura dos puritanos arreigados (cuja legião ultrapassa dezena e meia de milhões) vai longe nas suas exigências.

Nem fotos de «deshabillés» provocantes (segundo elles) permitem agora na publicidade. Tudo isso acabou. Tudo isso deve acabar.

Conseqüentemente as revistas da especialidade deixam de dar a álcere impressão de uma praia de banhos ou de um «boudoir». E não é só isto. Crimes, roubos, assuntos escabrosos que o puritanismo americano em acção julgue prejudicial, perniciosos, serão cortados da circulação.

Acabou-se a escandalosa vida americana! Despertos os moralistas e alerta pela super-decência, a América vai redundar em vida conventual. E, sendo assim, o cinema americano que sempre foi o reflexo da vida americana (desde o filme de «cow-boys» ao de «gangsters») será diferente daquele que tem sido.

Os produtores andam com razão preocupados: bisbilhotam os argumentos e produzem com receio de que este enredo ou aquela cena possam chocar ou ruborizar o americano a impar de moral. O trabalho de produção continua porém virado para todos os géneros, ainda com a velha mania da imitação em série.

Se um filme de história faz dinheiro, fazem-se muitos filmes de história. Se aparece outro de balões e tem êxito, muitos filmes de balões se sucedem; até que um aparece com oxigénio demasiado estoura... com a paciência do público.

Mas o americano procura novas coisas e não desanima. Continua «businessmen» através de tudo e com o mundo na mão, apesar de todos os contingentes.

Sempre em grande actividade, embora a crise o abale e o «Casting Office» resolva reduzir o número dos figurantes inscritos no seu arquivo, de 25 para cinco mil.

* * *

Está mais que constatado: O cinema alemão perdeu com a subida de Hitler ao poder.

Os ricos tempos das grandes obras alemãs, com realizadores como Fritz Lang, produtores como Erich Pommer e artistas como Lilian Harvey, Emil Jannings e Elizabeth Bergner, passaram.

A nova política alemã reformou o cinema, à sua moda. Escorraçou como indesejáveis, muitos elementos de valor e passou a fazer o cinema, preocupar-se essencialmente com a propaganda das suas ideias e das suas actividades.

Resultado: de ano para ano, sente-se decaír a beleza artística que tornára o filme alemão um dos mais queridos do público e dos cinéfilos de bom gosto.

Que vimos de comparável a qualquer dos belos filmes de outrora, a época passada?

Que veremos esta?

A marca «Ufa» de tão fortes créditos, está caindo na vulgaridade, como qualquer outra empresa.

Entretanto, os alemães continuam produzindo, mas o número dos seus filmes vai descendo nos países estrangeiros onde se exibem.

E valerá a pena gastar mais espaço com o cinema alemão?

Para o carpir... Pois se os seus grandes filmes são agora raros!

* * *

A França melhora. Vai-se libertando, ainda que com certa dificuldade, das suas crónicas fór-

mulas teatrais. O número de filmes mais aproveitáveis e cinematográficos, aumenta. Assim, dão-nos já de quilate mais valioso, como *Poil de Carotte*, *O Último Milionário*, *A crise acabou*, *Código Penal*, *Noites Moscovitas* e *A Batalha*.

Além de René Clair, que se podia dizer o único que lá fazia algo de geito, outros realizadores vão mostrando mais amplo sentido da arte das imagens. E o movimento cinematográfico francês accentua-se e sente-se enveredar por um caminho satisfatório.

Autores, intérpretes e realizadores, parece tomarem mais consciência dos seus respectivos papeis. Os assuntos são menos teatrais, embora um pouco literários.

E pode-se confiar um pouco mais na cinematografia francesa.

* * *

A nossa atenção volta-se agora com entusiasmo para a Inglaterra que parece querer ganhar na Europa o logar ocupado pela Alemanha.

Enquanto uma decai em produção qualitativa, a outra levanta-se resolutamente, lançando filmes como *Catarina da Rússia*, *A Vida Privada de Henrique VIII*, *A Última Aventura de D. Juan*, etc.

Após uma temporada esporádica de mais intensa actividade, em pleno cinema mudo, que foi quando nos deram *A Mulher do Lavrador*, *Picadilly* e outros, a produção inglesa recaiu na insignificância dos pequenos e indistinguíveis países produtores. (Consequência duma desorganização que a impediu de criar um cinema novo e próprio. Tendo-se lançado na produção em série, à americana, o cinema inglês baqueou, não se voltando a falar d'ele com notoriedade).

Veio o fonocinema e não dava éco sensível do seu esforço. A América, a França, a Alemanha, marcaram logo a sua decisão ante a nova técnica, continuando a produzir com mais ou menos intensidade. A Inglaterra só há perto de três anos, fez sentir-nos o seu novo esforço (através da imprensa estrangeira), o seu esforço actual.

O cinema inglês tendo acolhido elementos, dos grandes meios como Hollywood, e tendo chamado a si um director artístico como Alexandre Korda, assustou um pouco a própria Cinelândia, obrigando Joseph Schenck, produtor americano, a vir até cá, para estabelecerem um acordo de colaboração anglo-americana.

O cinema na Inglaterra vai-se organizando em bases sólidas. E a «London», de Londres, está criando uma fama de créditos semelhantes aos da «Ufa» alemã.

Vai para um ano que voltamos a ver películas inglesas; e estas fazem honra ao bom cinema, ao melhor cinema europeu.

* * *

Para terminar, vamos referir-nos à Itália.

Num dos últimos números da «Invicta-Cine» que precederam a sua presente suspensão, num artigo intitulado «Panorama do Cinema Italiano», puz em evidência o estado do cinema naquela terra, outrora senhora das telas mundiais com «estrelas» de fama (Hesperia, Francesca Bertini, Helena Makowska, Za-la-Vie, Pina Menichelli, Za-la-Mort, Maciste, etc.)

A sua decadência, sucedida pouco depois da guerra, manteve-se por anos. Finalmente, os italianos rompem esse marasmo, e agora sob o contróle do Estado, nos estúdios italianos trabalha-se. Fala-se bastante da ressurreição do cinema italiano.

Novos filmes, grande laboração, entusiasmo e novas orientações. É possível que os italianos façam obras de apreço, mas a *Armada Azul* e *Wally* exibidas entre nós, eram muito inferiores; mais fracas do que qualquer dos nossos filmes.

A propaganda política parece ser uma preocupação também, do cinema italiano. O próprio Duce exerce *directamente* o papel de censor e auxilia o desenvolvimento da indústria com facilidades, isenções e a proibição de projectar versões originais de outros países.

Não é de estranhar pois que a Itália produza agora bastante.

O filme «Os Cem Dias», em realização, é feito sob uma ideia de Mussolini.

* * *

Outros países trabalham, mas como nós, sem maior preponderância.

Aí têm vocês à «voil d'oiseau» quási, uma ideia geral das condições de produção no mundo do cinema.

J. A L V E S D A C U N H A.

NOTÍCIAS E ÉCOS DO CINEMA

«*AGUIA D'OURO*» o cinema desta cidade que conta entre o público tripeiro grandes simpáticas, depois dum longo encerramento, reabriu as suas portas.

Parabens e desejos duma exploração feliz, àqueles que tomaram tal iniciativa.



JEMOS recebido com toda a regularidade a popular revista «Cinema», interessante e útil publicação cinematográfica que se

edita nesta cidade sob a direcção do nosso ilustre camarada Alberto Armando Pereira. Obrigados pela deferencia.



O presente número da «Invicta Cine», vai ser distribuido gratuitamente a todos os cinemas da provincia, por intermedio do representante da Filmes Castelo Lopes, S. A. R. L., nesta cidade, nosso velho amigo Manuel Tavares.

Antes de correr as cortinas

DENTRO em breve, mais uma obra literária de valor reputado e sobejamente conhecida por todos os amantes das belas-letas, será projectada nos ecrãs portugueses.

E' desnecessário falar dos lances emocionantes, que deve encerrar esse filme, porque sendo simultaneamente os da obra literária de Júlio Dinis, devem também avultar, na produção, que aguardamos, do realizador Leitão de Barros. Infelizmente duas das figuras marcantes na interpretação desse filme—Joaquim Almada e Carlos de Oliveira, não ouvirão os aplausos da massa popular portuguesa, que vibra sempre com as manifestações artísticas, quando sejam concordes com a sua fibra patriótica.

«Invicta-Cine» curva-se respeitosa perante a memória destes dois interpretes numa produção cinematográfica, se bem que, ainda tal trabalho não houvessem realizado, mereceriam da mesma forma as mais profundas homenagens que nos fôsse licito prestar.

É que Almada e Carlos de Oliveira eram indiscutíveis valores no teatro português, cada vez mais definhado, cada vez mais diminuto, não por culpa do cinema como se pretendeu primordialmente mas pela crise de si próprio, pela super-abundância dessas produções revisteiras, que arrazaram definitivamente o gosto do público, que já de si pequenissimo, por falta de cultura, agarrado ao fado melancôti-

camente ridículo e piégas de que infelizmente se tem servido e vivido o cinema nacional.

Pensamos que «As Pupilas do Snr. Reitor» será um filme que equivalha a uma mancha de côr, uma demonstração de vitalidade, cheio daquêlê pitoresco tam seductor da nossa paisagem, dos nossos costumes tipicos, absolutamente característicos e inconfundíveis com os de qualquer país do mundo.

O que temos visto exposto no réclame, autorisa-nos a crêr que nada faltará: todos os pequenos-nadas que dão harmonia e suavidade à vida camponêsa portuguesa, quer na sua época de faina quer no «dia santo» em que arrumada a enxada, pançados os bois se abre a caixa do bragal para dela tirar linhos alvissimos, rescendendo a alfazema, pesados cordões maciços que lembram correntes de ancoras, fruto de canceiras e de privações sem conta. Em «As Pupilas do Sr. Reitor» deve avolumar-se o aspecto ingenuamente preparado de todas as festas aldeãs: desde o andôr ciclópico, mais alto do que uma tórre, suportando uma Virgem de polegada, aos anjos mal calçados, para os quais os sapatos são borguesins inquisitoriais; desde as esfolhadas minhotas, onde há raparigas de bôcas rubras ávidas de beijos, até ao tradicional costume da espiga vermelha, que tornará fáuno o lapuz suado que a encontra.



Uma imagem do novo fonofilme nacional «As Pupilas do Snr. Reitor», a qual nos mostra a popular actriz Maria Matos e Lino Ferreira. «As Pupilas do Snr. Reitor», é apresentado brevemente ao Público no S. João-Cine.

Depois ressaltará a bonomia daquêlê João Semana, o clássico tipo do médico-aldeão, o curador do fisico, como o padre campónio, o cura, que até o realista Zola respeitou, o curador das almas; o chapeirão, o lenço escarlate, grande como uma vela de barco, o guarda-sol de barba de baleia, cobrindo o médico e a mula, preciosa alimária da labuta clinica aldeã, são indumentária imprescindível...

E, além destas, outras figuras devem aparecer gritantes de sol e saúde, como é aquela obra mirífica que nos deu o protentoso génio de Júlio Dinis.

Falar do cenário deste filme é prazer escusado. A obra é bastante conhecida; não há quem passado o período das leituras novelescas, quem passada a época das paixões pelos filmes de tiros, de sangue e de roubos, não prefira seguidamente a leitura do «Amor de Perdição», incompreensível na nossa data, logo seguida da das obras de enredo amoroso e acariciante de Camilo, de Júlio Dinis e doutros, como ainda, ambicione vêr filmes de assuntos como o de «A Parada do Amôr» e tantos da Lillian Harvey da Kate de Nagy, etc. A causa desta preferência, que torna uns artistas, por vezes mediocres, em ídolos, está no romantismo de que se cerca a vida nessa idade, período hoje perturbado pela orientação materialista da época, que tanto tem dessorado e dessorará.

* * *

Pela segunda vez, o assunto da obra de Júlio Dinis é levado ao cinema. A primeira, ainda na cinematografia muda, realizada pela Caldeira-Filme, desta cidade, passou apagadamente por má orientação comercial. Contudo o filme não era dos peores da primitiva cinematografia nacional. O falecido escritor dr. Campos Monteiro, em digressão, salvo erro, pelos arredores de Caldelas, citava numa vez numa crónica a satisfação com que um dia tinha assistido num adro à reunião dum grupo de belêzas, de aspecto campestre, que vivamente o interessaram pelos seus ademanes senhoris, pelo primoroso do conjunto que formavam, pela garridice e esbeltesa do seu traje.

Aguçada a sua curiosidade, aproximou-se e foi grande o seu espanto quando viu nas «campónias» personagens conhecidas do nosso teatro, quando reconheceu no grupo a Margarida e a Clara, alegres, no seu vestido tam garrido como atraente. Filmava-se então «As Pupilas do Sr. Reitor» em cinema silencioso. O distinto homem de letras espraivava-se em considerações, dizia da sua alegria, quando via que se filmava uma obra tão genuinamente nacional, quer no folclore, quer na paisagem,



OLIVEIRA MARTINS

O simpático galã do cinema português numa cena do fonofilme «As Pupilas do Snr. Reitor».

Anos são volvidos sôbre o facto. A Tobis, pela mão de Leitão de Barros, tomou sôbre si o pesadissimo encargo de novamente reduzir a filme o consagrado assunto. E eis, que, novamente, esperamos ansiosamente a frescura daquelas telas de maravilha que formam as páginas brilhantes de «As Pupilas do Sr. Reitor».

Oxalá que o filme seja por todos os motivos digno de aprêço; porque se assim fôr, podemos afirmar sem ousadia que Leitão de Barros realizou o mais português de todos os seus filmes. Que seja digno de correr mundo; que nos permita algo de melhor do que nos tem trazido as produções anteriores do cinema nacional, porque assim sendo, abrir-se-há uma janela sôbre o nosso país, tam rico de pitoresco e tam mal conhecido pelo turista estrangeiro.



HENRY

GARAT

em LISBOA

Impressões

de uma visita

Era nosso desejo iniciar-mos esta crónica com um elogio em forma a Henry Garat, e uma referência grandiosa às suas admiradoras, as jovens de 20 anos.

Desistimos, porém, logo de início. Primeiro, porque Henry Garat, por intermédio dos reclamistas, esgotou já todos os adjectivos que a filologia escolheu para prémio dos artistas e salvação as jornalistas.

Depois, seria uma injustiça se ao tentar-mos erguer em linhas ainda que sobrias o romantismo das cinéfilas portuguesas de 20 anos, deixássemos cair no esquecimento as admiradoras do Garat, cinéfilas e senhoras de duas vezes 20 anos.

Talvez as nossas simpáticas leitoras se admirem, mas podem crer que não somos fantasistas. Henry Garat, êsse rapaz elegante, e—vá lá—bonito, que vocês, tão gentis como injenuas cinéfilas, aspiram para o cantinho do vosso coração, pôde gabar-se de, pelo menos, no nosso país, contar (e já agora também pelo menos) uma admiradora de idade respeitável.

* * *

Quando nós aguardávamos à porta da «caixa» do Ginásio a chegada do Garat, que pelo telefone nos marcára o Teatro para a nossa entrevista, uma senhora, dirigindo-se ao porteiro, disse que desejava falar com o Erico Braga.

—Impossível!—objectou o homensito.

E iniciando uma série de variadas historietas aquela senhora, procurava convencer o porteiro a deixa-la transpôr as portas que davam acesso aos camarins. O seu alvo, afinal, era o Garat, porque, não conseguindo já merecer a atenção do homem da porta, dirigindo-se à nossa pessoa, entrou em confidencias.

—Eu desejava—começou—obter um autografo do Garat. É uma cousa simples. Trago aqui a fotografia, e êle só tinha que escrever...

E depois de uma breve pausa, perguntou-nos:

— O senhor, é jornalista, não é?

— Oh! não, minha senhora...

A nossa resposta, porém, foi interrompida...

A venerável madama, insistia.

— É, o senhor é jornalista, e fala certamente com o Garat. Porque não me faz êste favôr? Pedia-lhe para autografar esta foto. Olhe, vai aqui o meu nome no verso. Se êle quizer dedicar, já sabe, se não, basta a assinatura. Faça-me êsse favor, sim? Pôde crêr que ficar-lhe-ei muito grata.

Eu tenho que ir assistir ao espectáculo, porque ainda não vi o Garat. Mas depois, no intervalo, eu volto aqui, e procuro ao porteiro pela foto. O senhor, faz favôr, deixa-ma ficar aqui.

Aquêlê pedido, já não era um pedido, mas nós comovidos aceitamos o encargo para tranquilidade daquela alma.

* * *

Minutos após, Henry Garat, chegava de automóvel. Acompanhamo-lo ao camarim, e enquanto êle se maquiava e mudava de fato, assistimos a alguns ensaios.

Estava frio, eu sentia-o, apesar de ir bem guarnecido: sobretudo, *cache-coal*, luvas, etc.

Monique, a graciosa M.^{lle} Monique, carinha gentil, rodopeava na sala.

Segundo os filmes nos aconselham, não há nada melhor para iniciar conversa com uma pequena encantadora como M.^{lle} Monique, do que falar-se do tempo, da temperatura, do sól, da chuva, do frio, etc.

Arriscámos:

— C'est froid, M.^{lle} Monique.

É verdade, confirmou ela. Depois, continuámos — falando sempre do tempo. Que o Estoril é mais quente que Lisboa, enfim uma série de banalidade que alimentámos mutuamente durante alguns minutos. Já não sentíamos frio, no entanto, o tempo (sempre o tempo!) interrompeu aquela agradável conversação. A campanha retina. Monique, chamavam-na á cêna.

Era o seu tempo...

* * *

Henry Garat, depois da leitura de algumas cartas que tinha sôbre a mesa, atendeu-nos amavelmente.

Falou-nos das cinéfilas da nossa terra, gêntis em extrêmo, e que todos os dias lhe enviavam *bouquets* de lindas flôres de Portugal.

Olhámos para uma jarra. Lá estava um bonito ramo, onde ainda se encontrava um pequenino cartão, com a seguinte indicação: «de M.^{lle} Sofia».

Garat sempre sorridente — tão sorridente, como conversador — falou-nos depois de si, do seu regresso da América, e a vontade de continuar a filmar na Europa, onde obteve os melhores sucessos, como *partenair* de Lilian Harvey.

Sempre muito amável, autografou as fotos que pedimos, e também a foto da tal senhora de idade respeitável...

Henry Garat, redigiu e entregou-nos a seguinte saúdação aos cinéfilos portugueses:

Mon sejour a Lisbonne
est un souvenir et qui
merci de l'accueil des Portugais

Henry Garat

1935

Companhia
Cinematográfica
de Portugal

(SECÇÃO FOX)

apresenta brevemente
no cinema

TRINDADE

a super-produção
da FOX



HAROLD MISSIONÁRIO



Um espectáculo inesquecível, prodigioso de graça, de movimento, de música e alegria. Um fonofilme encantador, no qual o famoso actor

HAROLD

LLOYD

se nos apresenta numa fase nova da sua carreira artística ao lado de um grupo de lindas "girls" de plástica estonteante.

N A C A I P A

GRIETA GARIBO

Sei lá porquê!
O gôsto não se vê,
E quanto a mim,
Gosta-se porque sim...

.....

Gosto desta mulher, originalidade
Curiosa.
Eu gosto
Do modo,
Do todo,
Do seu fluido audaz que nos fascina logo!
Do seu dizer,
Dizer
Tão seu,
Da sua voz que tem coleios de serpente,
Que impressiona
É apaixonada
À gente!
Do seu pisar eu gosto,
Gosto do seu andar...
Gosto de a ver,
Gosto de a ouvir!
Vê-la e ouvi-la
É sentir
O coração pulsar!...

Mas gosto mais ainda,
Ainda muito mais,
Da sua bôca linda,
Dos seus beijos fatais!...
Daquêles seu beijar diabólico e profundo
Que faz estremecer
O céu,
A terra,
O mar,
O mundo!...

A M É L I A V I L A R .

**Postais
"Ross"**

**Postais
"Ross"**

ESCREVA ÀS PESSOAS DAS
SUAS RELAÇÕES NUM POSTAL
DE ARTISTAS DE CINEMA
DA REPUTADA MARCA

" " **R O S S** " "

Agente para Portugal e Colónias
ALBERTO ARMANDO PEREIRA
Rua do Bomjardim, 436-3.º

P O R T O

**Postais
"Ross"**

**Postais
"Ross"**

CINEMA JUNTO DO PUBLICO

A exploração cinematográfica vive a sua hora difícil.
Insistir sobre as causas e sobre os antidotos é tarefa inglória.

O egoísmo cada vez é maior e, portanto, a desorientação cresce enormemente. Estabelecer planos de acção, aconselhar directrizes, é «pregar para os peixes».

O desejo de salvação pessoal e o de lesionamento dos interesses dos outros, amolecem todo o raciocínio, desvastam o bom senso que um discernimento claro cria. Não seremos nós, tristes visionários, que após tantas tentativas, arrisquemos perdulariamente mais uma. O mundo tem que seguir a evolução que naturalmente a sentimentalidade humana origina. Batalhar pela conjugação de esforços, pela conexão de orientações, é tarefa baldada, visto que o escolho oferecido por temperamentos orientados numa ideia, unilateral-a de salvação pessoal, é, por enquanto, e manter-se-à nêstes tempos mais chegados, intransponível.

Deixemos que uns se comam aos outros, como os «grilos da fabula» e então, depois, perante menos ouvintes consequentemente em frente de menores interesses em jôgo, nós evidenciaremos uma opinião que poderá ser aproveitada.

A crise financeira atacou todos os focos produtores de filmes. Nem a olimpica terra do Tio Sam resistiu ao vendaval.

Mas nem por isso, deixaram de passar pelas nossas telas interessantes obras cinematográficas.

Os realizadores são agora obrigados a produzirem — para conseguirem impressionar — filmes mais perfeitos na sua concepção. O luxo das grandes montagens, dos riquíssimos guarda-roupas, só se mostra em lampejos. O agrado visual agora não pôde, por carencia de meios, indemnizar uma precária construção técnica.

O cinema actual, na generalidade, vive de capacidade construtiva e não material. A primeira, pôde-se manifestar, porque na verdade, por esse mundo fóra desde os russos até aos ianques, existem muitos génios realizadores.

O público, ditador da sua vontade, não mostra muita complacência pelas insuficiências materiais. Não aceita, portanto, de boamente, filmes bem feitos que decorram em atmosferas visualmente pobres.

O cinema para almas não faz, nem deve fazer tão cedo, carreira.

Portanto, qual será a iniciativa que conseguirá salvar a exploração do cinema na nossa terra?

—O cinema português, eis a resposta...

A produção nacional com o mercado brasileiro sempre acolhedor — pelo menos aquela parte que mais interessa, o público — com o estrangeiro suficiente de se interessar com filmes portugueses, em que lhe sejam mostrados costumes diferentes daqueles em que vivem, tem à sua frente um horizonte pleno de bonança.

Sendo uma fonte de lucro certo, os nossos capitalistas ainda não saíram do seu pedestal olímpico, para virem até àqueles rapazes, suficientes de bem produzir cinema, para lhes dizerem: meios tendes vós ao vosso alcance, esforçai-vos por produzir trabalho acertado.

Em Portugal, todos os filmes portugueses, bons ou maus, têm retirado um bom resultado material, capaz de encorajar os mais tímidos.

Junte-se a isto o relativo sucesso desses filmes em terras de Santa Cruz e ponha-se-lhe o agrado que eles teriam tido no estrangeiro, se tivessem sido bem cadinhados, e veja-se então se não está no cinema português, o maravilhoso tónico para uma exploração cinematográfica compensadora do trabalho dispendido.

O assunto merecia mais ampla dissecação, mas o tempo e o espaço faltam.



NÉON PORTUGUÊS

(A MARCA QUE MARCA PELA QUALIDADE)

Luz em todas as cores, inclusivé branco solar

Os proprietarios da mais completa fabrica de Luz Néon existente em Portugal, participam ao Comercio e ao Publico, em geral, que se encontram aptos a instalar, no prazo maximo de 8 dias, qualquer trabalho referente a reclamos, taboletas, molduras, e decorações luminosas, assim como pequenos reclamos de montra, em tubos de vidro cheios de gases raros em qualquer côr ou estilo, conforme o desejo dos clientes. A preferencia, dada a nossa Casa, pelo Comercio anunciador, é o melhor reclamo que podemos apresentar a todos aqueles que necessitem instalar Luz Néon:—Principais trabalhos executados em Néon Português:—Teatro de S. João (grande decoração da fachada principal, com 140 metros de tubo iluminado, ou seja o principal trabalho da Peninsula); Teatro Rivoli; Farmacia Luso-Francesa; Olavo Cruz, Ld.^a; Farmacia Lencart; Madame Campos, Ld.^a (Lisboa); Oleos Sunuco; Porto Ramos-Pinto (Porto e Lisboa); Fabrica de Papeis Pintados de Antonio Cardoso da Rocha & Cruz, Scr.; Grande Hotel do Porto; Farmacia Lemos; Calçado Atlas; Chaplaria Pereira Braga; Peninsular Hotel; Camisolandia; Armazens do Norte; Stande A. M. da Rocha Brito; Café A Brasileira; Casa Streets, Ld.^a; Loja do Povo e Casa de Guimarães (Lisboa), etc. etc. — Preços fora de toda a concorrência, gastando dez vezes menos a energia dos reclamos de lampadas. Orçamentos gratis.

PROGRAMAS MOVEIS para Cinemas e Teatros, modificaveis diaria ou semanelmente, medlante aluguer a preços modicos.

Societarios e Distribuidores Gerais: **Martinez de Lima & C.^a, L.^{da}**

Largo dos Loios, 71, 1.^o — PORTO — TELEFONE, 1518

A tôdas as senhoras o que mais lhes interessa

É ter uma ondulação permanente perfeita e garantida, e só no Salão FÉMINA o conseguirão.

Os nossos preços não são os mais baratos, mas as nossas ondulações permanentes são as mais garantidas, porque são feitas no melhor aparelho até hoje conhecido, que é o EUGÈNE, e só fazemos aplicação com os verdadeiros sachets da mesma casa EUGÈNE, que é a única coisa que pode garantir a ondulação permanente.

SALÃO FÉMINA

- O melhor cabeleireiro de senhoras
- O mais luxuoso
- O mais confortável
- O que melhor conjunto de pessoal possui.

RUA SANTA CATARINA, 200-1.^o

(EM FRENTE AO GRANDE HOTEL)

Telefone, 2180

Calce...

ATLAS

...o
Máximo
da
Elegância



Féres

Filmes Castello Lopes

S. A. R. L.

LISBOA

Praça Marquez de Pombal, 6

Telefones 46189 e 46180

Telegramas PATHÉ

PORTO

Rua das Fontainhas, 209

Telefone 2400

Telegramas PATHÉ

A firma distribuidora que esta época tem apresentado os filmes de melhor categoria, entre outros

A Noite de Um Grande Amor

Se eu fôsse o Patrão

Castelo do Sonho

Caprichos de Princesa

Voltaire

© **Monstro**

A Canção de Uma Noite

© **Abade Constantino**

© **Escândalo**

A Lagartixa

© **Casamento do Snr. Director**

OS MISERÁVEIS

© filme que tem causado o assombro de todo o mundo pela sua concepção técnica.

Um filme sublime. **A Bíblia da Humanidade**